

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ANTIGUIDADES DE FONTALVA, ELVAS.

PAÇO, Afonso do; FERREIRA, Octávio da Veiga

Ano: 1951 | Número: 61

Como citar este documento:

PAÇO, Afonso do; FERREIRA, Octávio da Veiga, Antiquidades de Fontalva, Elvas. *Revista de Guimarães*, 61 (3-4) Jul.-Dez. 1951, p. 416-425.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Antiguidades de Fontalva (Elvas)

I — Fivela visigótica

POR AFONSO DO PAÇO
E OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA

Entre o variado espólio arqueológico recolhido na Herdade de Fontalva pelo seu proprietário, Dr. Rui de Andrade, e oferecido ao Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, figura uma bela placa de cinturão, visigótica, que é objecto do presente estudo.

A Herdade de Fontalva, e dentro dela a elevação onde assenta o gracioso palácio, tem sido um alfobre de valiosos achados, o que nos vem comprovar que o local de habitação de hoje, já fôra povoado nos tempos paleolíticos (1), passando pelos neolíticos, bronze, romanos, visigodos e medievos (2).

Esta placa de cinturão, apesar de ter sido citada por duas vezes em notas sobre artefactos visigó-

(1) Afonso do Paço, «Páleo- e Mesolítico português (Descobrimientos-Bibliografia)-I» — *Revista de Guimarães*, vols. XLVI-XLVII, Guimarães, 1936-1937.

Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, «Páleo- e Mesolítico português». *Anais da Academia Portuguesa da História*, vol. IV, pág. 65, Lisboa, 1941.

(2) Existe no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal um belo espólio romano proveniente de uma sepultura da Herdade de Fontalva, que será estudado em breve pelo segundo dos signatários do presente trabalho. Dele, é digno de especial menção, pela sua raridade, uma lucerna, de que na parte II do presente trabalho se dá notícia. Acerca de alguns dólmenes desta Herdade e seu espólio, realizou em tempos, no Museu da Associação dos Arqueólogos Portugueses, uma palestra o outro signatário.

ticos (1), não fôra ainda estudada em detalhe como merece, quer pela sua raridade entre nós, quer pela sua beleza.

Conhecemos do país, as seguintes placas de cinturão, visigóticas, de tipo comparável ao de Fontalva:

Museu do Carmo — proveniência desconhecida (2).

Museu de Cascais — das grutas de Cascais (3).

Museu Etnológico — de Santa Marinha do Zézere (4)
e de Salvaterra do Extremo (5).

Museu da Sociedade Martins Sarmento — de S. Caetano, Chaves (6).

Todas elas pertencem ao período que Santa-Ollala classifica de «bizantino», que vai, mais ou menos, de Suintila, em 621, até o final do reino visigodo em 711 (7).

(1) Fausto de Figueiredo e Afonso do Paço, «Placa de cinturão, visigoda, das grutas de Cascais». *Actas y Memórias da Soc. Esp. de Antropologia, Etnologia y Prehistória*, Tomo XX, Madrid, 1947.

A. Viana, J. Formosinho e V. Ferreira, «O conjunto visigótico de Alcaria (Caldas de Monchique)». *Rev. do Sind. dos Eng.ºs Aux. Ag. Tec. Eng.ª e Cond.* N.º 33-34, Lisboa, 1948.

(2) *História de Portugal*, Edição de Barcelos, vol. I, pág. 345.

Hans Zeiss, «Los elementos de las artes industriales visigodas». *Anuário de Prehistória Madrilena*, vol. IV-V-VI, Lam. XVI, fig. 2, Madrid, 1936.

(3) Fausto de Figueiredo e Afonso do Paço, «Placa de cinturão...» *op. cit.*

(4) *História de Portugal*, vol. I, pág. 341.

H. Zeiss, «Los elementos...» *op. cit.*, Lam. XIII, fig. 8.

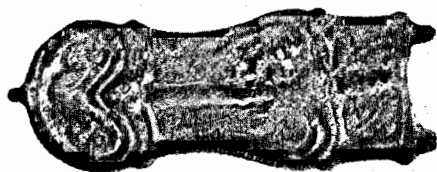
(5) J. Leite de Vasconcellos, «Antigualhas do Museu Etnológico». *Revista de Arqueologia*, vol. I, pág. 5, Lisboa, 1932.

H. Zeiss, «Los elementos...», *op. cit.*, Lam. XV, fig. 3.

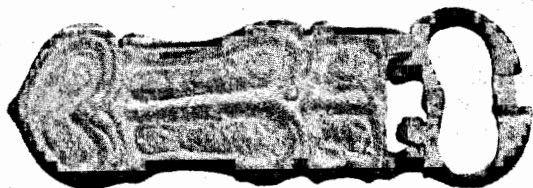
(6) Mário Cardozo, «Uma estação visigótica (?) no concelho de Chaves». *Revista de Guimarães*, vol. LII, pág. 252, Guimarães, 1942.

(7) J. M. Santa-Ollala, «Esquema de la arqueologia visigoda». *Investigación y Progreso*, ano VIII, Madrid, 1934.

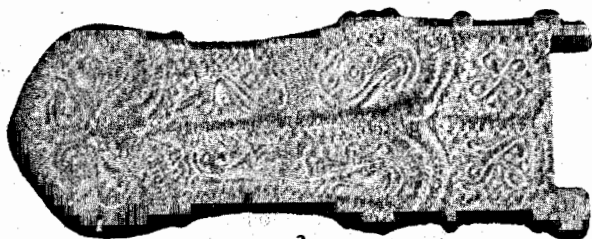
Idem, «Grundzüge einer westgotischen Archäologie auf der Pyrenäenhalbinsel». *Forschungen und Fortschritte* n.º 10, Berlin, 1935.



1



2



3

Fig. 1 — N.ºs 1 e 2, Fivelas visigóticas de Burgos (Espanha).
N.º 3, Fivela visigótica de Fontalva.

A placa de cinturão proveniente de Loulé, que Aberg localiza no Alentejo ⁽¹⁾ e de que Supitot, caindo no mesmo erro, nos repete o desenho ⁽²⁾, não deverá enfileirar no grupo «bizantino», mas mais propriamente no que Zeiss chama «objectos algo discrepantes» ⁽³⁾ e emparceirar com um exemplar de Alcoutão ⁽⁴⁾.

Sem a riqueza visigótica que possuem os nossos vizinhos espanhóis, no nosso país são escassas as necrópoles e estações visigóticas.

Além das dos arredores de Cascais ⁽⁵⁾ e das Caldas de Monchique (Alcaria) ⁽⁶⁾, a sepultura isolada de Odiáxere ⁽⁷⁾, as estações romano-visigóticas dos arredores de Elvas ⁽⁸⁾, os achados de S. Caetano nos arredores de Chaves ⁽⁹⁾, os da Silveirona, ainda inéditos, no Museu de Belém ⁽¹⁰⁾, os do concelho de Marvão ⁽¹¹⁾, há muitíssimos objectos dispersos, com numerosa bibliografia, que seria longo enumerar aqui, mas que começam a ser sistematizados em trabalhos de conjunto.

(1) Nils Aberg, *Die Franken und Westgoten in der Völkerwanderungszeit*, Upsala, 1922.

(2) J. Supitot, «Papeletas sobre orfebreria barbara. II-Hebillas de cinturón visigodas». *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. Fasc. V, pág. 196, Valladolid, 1934.

(3) H. Zeiss, «Los elementos...», *op. cit.*, pág. 149.

(4) F. de Paula e Oliveira, «Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascais», *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos*, Lisboa, 1889.

(5) F. de Paula e Oliveira, «Antiquités...», *op. cit.*

(6) A. Viana, J. Formosinho e V. Ferreira, «O conjunto...», *op. cit.*

(7) O espólio encontra-se no Museu de Lagos, e consta duma certã de bronze, um anel e um vaso de barro. Este conjunto será em breve publicado.

(8) A. Viana, «Contribuição para a Arqueologia dos arredores de Elvas». *Trabalhos da Sociedade de Antropologia e Etnologia*, vol. XII, Porto, 1950.

(9) Mário Cardozo, «Uma estação visigótica...», *op. cit.*, pág. 237 e ss.

(10) J. G. Barros e Cunha, «A população visigótica em Portugal—Observações sobre alguns crânios masculinos provenientes da Silveirona. *Congresso do Mundo Português*, vol. I, pág. 687, Lisboa, 1941.

(11) Afonso do Paço, «Inscrição cristã do Monte-Velho (Beira, Marvão)», *Brotéria*, vol. XLIX, Lisboa, 1949.

A fivela do presente estudo, tem de comprimento 96 milímetros e de largura média 39. Trata-se de uma peça de bronze, fundida e articulada, faltando-lhe a parte correspondente à fivela e fusilhão, com desenho gravado pela técnica de silhuetas sobre fundos cavados conseguidos com chanfros e sulcos geralmente duros. É, como a sua congénere de Cascais, lobulada e pode dividir-se em três partes distintas:

1.^a—A parte superior, mais ou menos rectangular, está dividida a meio por um cordão saliente pontilhado e é toda ela circundada por um duplo cordão também pontilhado. Os motivos de desenho destes dois painéis lembram a «suástica estilizada», em que as pontas da cruz se enrolam da esquerda para a direita.

2.^a—A parte média é delimitada por um duplo cordão pontilhado e dividida a meio pelo mesmo cordão, que se adelgaça para a parte inferior. Os motivos de desenho são diferentes em cada uma destas metades, conseguidas pelo cordão médio. Na da direita parece-nos haver variada ramagem e, estendendo-se de alto a baixo, um sulco principal, espécie de pescoço alongado de uma cabeça de ave, que o encima.

A metade da esquerda está cortada a meio por dois traços paralelos, separados por uma série de SS imperfeitos dispostos verticalmente. Nas duas partes, envolvidas por uma série de desenhos, alguns dos quais em ziguezague, há cabeças de aves como motivo principal, terminando por largos desenhos em S.

3.^a—A parte inferior é arredondada, de uma maneira que Zeiss chama em forma de «rim» ⁽¹⁾ circundada por uma faixa de pontilhado largo. O desenho principal representa a estilização de dois grupos de cabeças de aves, cujos pescoços serpentiformes se tocam próximo da parte terminal. Terminam como esta, em forma de «rim», as portuguesas de Salva-terra do Extremo e de S. Caetano.

(1) H. Zeiss, «Los elementos...», *op. cit.*, pág. 153.

Na parte superior ainda se notam restos de dois orifícios por onde passava o eixo, no qual se articulava a argola com o fusilhão. Nestes ainda há vestígios do eixo da fivela que se partiu.

Esta placa, apresenta também a particularidade, de ser uma das mais profusamente ornamentadas que conhecemos.

Antes de terminar, não queremos deixar de apresentar os nossos agradecimentos ao Ex.^{mo} Engenheiro Chefe dos Serviços Geológicos de Portugal, pela incumbência que nos deu de estudar o referido objecto que, como dissemos, pertence à colecção dos Serviços Geológicos, que tão proficientemente dirige.

II — Lucerna romana

POR VEIGA FERREIRA

Do mesmo espólio procedente da Herdade de Fontalva, oferecido ao Museu dos Serviços Geológicos, figura uma curiosa lucerna inédita, e única em Portugal até ao presente.

Em virtude da raridade deste objecto e do interesse especial de que se reveste para o estudo da cerâmica luso-romana, apressámo-nos a dar já uma pequena notícia, antes do estudo do conjunto funerário que projectamos fazer em breve.

Que nós saibamos, em Portugal não é conhecido outro exemplar que se lhe assemelhe, nem pelas dimensões, nem pela forma, nem tão pouco pela tosca asa, a meio, que seria com certeza para a suspender.

Em Espanha (1) conhecemos um exemplar, a todos os títulos raro e belo, que se aproxima um pouco do

(1) O. Gil Farrés, «Otra curiosa lucerna inédita del Museo Emeritense» *Memórias de los Museos Arqueológicos Provinciales*. Vol. III, Extractos, 1947, p. p. 44, Madrid, 1948.

Gil Farrés estudou outra lucerna curiosa, também de Mérida, cuja asa figura um cavalo.

nosso, em certos pormenores, como na disposição dos furos, forma da asa, etc., mas cujo formato é diferente.

O exemplar presente mede de comprimento 0,14 m., de largura 0,10 e de altura 0,06. É fabricada de um barro amarelo torrado com manchas acinzentadas. Tem a forma elíptica, no seu contorno geral. Em cada um dos extremos do eixo maior da elipse tem um orifício para a colocação das mechas. A meio, apresenta uma asa tosca e robusta e, de cada lado desta, um orifício para se deitar o combustível.

Como ornamentação, apenas se nota um cordão liso e bastante elevado, que contorna os quatro furos existentes, acompanhando o contorno elíptico da lucerna. O fundo é mais pequeno do que a parte superior ou falso disco, em virtude das paredes laterais, em toda a volta, se inclinarem para dentro.

Este exemplar tem semelhanças com o de Mérida (1). O emeritense é, no entanto, mais quadrangular, resultando de aí o facto de possuir mais dois furos do que o nosso, em virtude de existir um orifício em cada ângulo do quadrado.

A ornamentação também é mais evidente no exemplar de Espanha, sendo constituída por uma série de sulcos, muito toscos, orientados de dentro para fora, em dois lados do quadrado. Nos outros dois lados, os motivos de decoração, são conseguidos à custa de três fiadas de pérolas em relevo.

Gil Farrés, ao estudar o exemplar de Mérida, diz não conhecer nenhuma peça semelhante ou parecida, em nenhum museu. Na bibliografia consultada, por ele, também não encontrou referência a exemplares semelhantes, acrescentando, em nota, que diferentes arqueólogos nacionais e estrangeiros ficavam surpreendidos com a raridade do seu exemplar.

De facto, em Portugal, também não conhecemos nenhuma peça parecida (2) e a mais próxima do nosso exemplar, é sem dúvida, a de Mérida. A data em que foi fabricada não é muito fácil de dizer.

(1) O. Gil Farrés, *op. cit.*

(2) É possível que haja alguma nas colecções particulares, ou em museus oficiais, mas publicada não conhecemos.

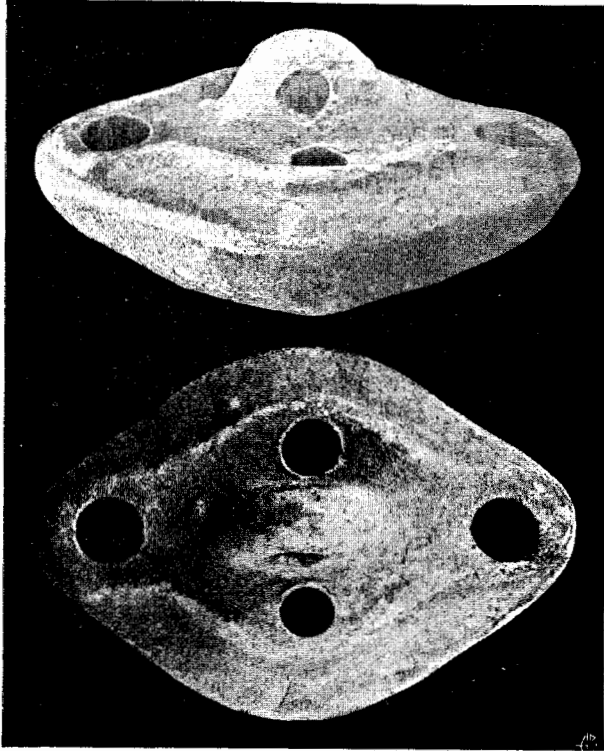


Fig. 2 — Lucerna romana de Fontalva (Elvas)

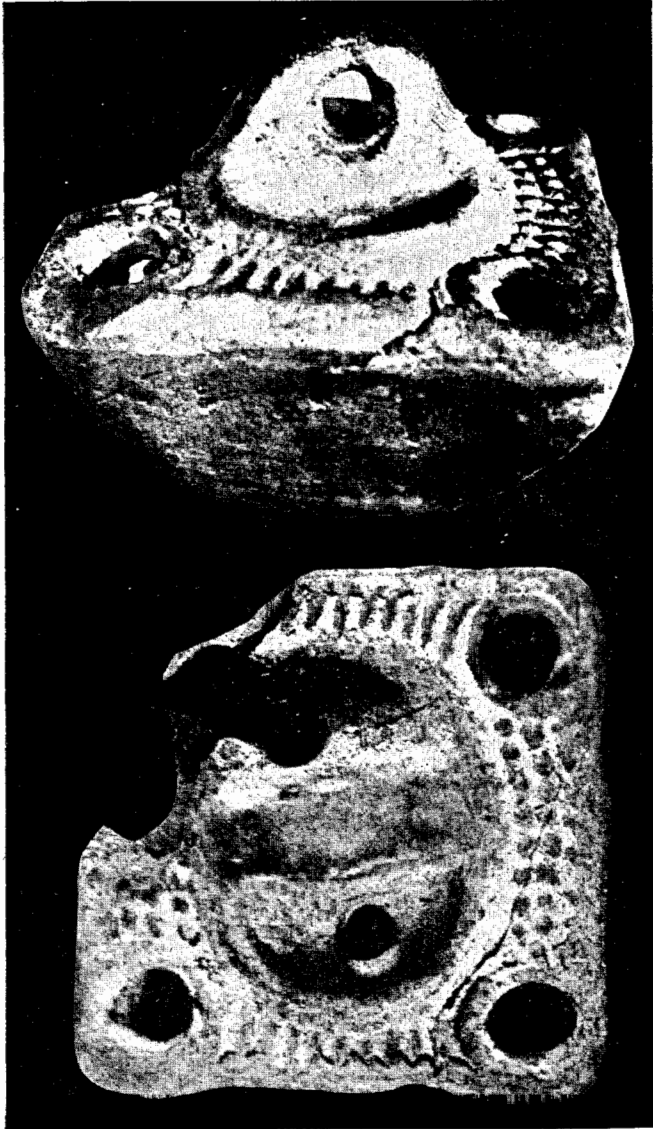


Fig. 3 — *Lucerna romana de Mérida*

Gil Farrés admite para o seu exemplar uma data que se situa a partir do século III d. C.

No nosso caso talvez que possamos com mais certeza determinar a idade, pois sabemos que apareceu numa sepultura com moedas do Baixo Império, cerâmica vulgar e de «terra sigillata», vasos de vidro, etc., que, por comparação com outros espólios exumados semelhantes, e, sobretudo, com vasilhas de estações luso-romanas, pode datar-se do século IV d. C. (1).

Do exposto conclui-se que:

- a) — O exemplar estudado constitui uma curiosa raridade de cerâmica luso-romana.
- b) — Pode datar-se, pelos elementos que o acompanhavam, do século IV d. C.

Julgamos assim ter contribuído com mais um elemento interessante para o estudo da cerâmica luso-romana em Portugal (2).

(1) C. Teixeira, «Cerâmica lusitano-romana de Rossas (Vieira do Minho)». *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Vol. X, fasc. 2, pág. 165, Porto, 1943-1944.

R. Severo, «Necrópoles lusitano-romanas de inhumação», *Portugália*, II, pág. 417.

A. Viana e D. de Deus, «Necrópolis celtico-romanas del Concejo de Elvas (Portugal)». *Archivo Español de Arqueología*, Num. 80, Madrid, 1950.

(2) A fotografia da fig. 3 foi tirada do trabalho de Gil Farrés.